

Representação social do psicólogo: uma visão de usuários do SUS do município de Nova Iguaçu.

Helen Alice Bezerra Moraes
Cícera Correia dos Santos
Fabiana Antônia Gomes da Silva

Resumo

A pesquisa *Representação social do psicólogo: uma visão de usuários do SUS*, investigou a percepção de usuários do Sistema Único de Saúde sobre a prática do psicólogo. A psicologia foi regulamentada como profissão em 1962, atualmente no Rio de Janeiro há 42,637 psicólogos, pensando nesse número surge a indagação de quanto a população tem conhecimento e acesso a esse profissional. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória, realizada na Unidade Básica de Saúde da Prata, município de Nova Iguaçu, com 100 usuários do SUS. Após a coleta de dados as respostas foram submetidas ao software Iramuteq, o que gerou uma nuvem de palavras com as mais recorrentes. Os dados demonstraram que a população possui conhecimento da atuação do psicólogo, no entanto este se apresenta de modo limitado a prática clínica, e que a população não tem acesso a esse profissional.

Palavras-chaves: Representação social; Psicólogo; Psicologia; Nova Iguaçu.

1. Introdução

A profissão do psicólogo, tem alcançado cada vez mais espaço na sociedade, no sentido de ser uma graduação com grande procura dos universitários. Atualmente no estado do Rio de Janeiro, existem 42.430 psicólogos. Considerando que as representações sociais orientam as ações do cotidiano e se referem as construções partilhadas por um grupo, é importante para a atuação dos psicólogos compreender como sua profissão e prática tem sido reconhecida. Assim como também, se esses profissionais têm alcançado a uma grande variedade de grupos, ou se ainda se mantêm restrita a um público delimitado. Sendo assim, o objetivo desta pesquisa é verificar a representação social do psicólogo dos usuários do Sistema Único de Saúde sobre a prática do psicólogo, a fim de compreender a representação social do psicólogo.

A Hipótese que norteia essa pesquisa é que a população, o senso comum, ainda não tem o conhecimento da prática do psicólogo, assim como pouco acesso ao mesmo. Verificar a representação social do psicólogo dos usuários do Sistema Único de Saúde sobre a prática do psicólogo, a fim de compreender a representação social do psicólogo.

A abordagem da pesquisa foi qualitativa e exploratória. Foram realizadas 100 entrevistas estruturada, com participantes a partir dos 18 anos, com as seguintes perguntas: Você sabe o que um psicólogo faz? Você já teve contato com algum psicólogo? Se sim, onde? Além dessas perguntas centrais, foi coletado dados quantitativos, sendo eles: sexo, idade, religião e escolaridade. As entrevistas foram realizadas com usuários da Unidade de Saúde básica da Prata, localizada no bairro da Prata em Nova Iguaçu. Os dados coletados foram submetidos a análise do Software Iramutq.

O presente trabalho contribuirá para a população no sentido de apontar para a possível necessidade de mais psicólogos atuando nas coletividades, ou seja, sua prática não pode ser limitada a clínica. Baseando-se no código de ética, o segundo princípio fundamental se refere a promoção de saúde e qualidade de vida dos indivíduos e das coletividades, assim como a contribuição desse profissional para a eliminação de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. Nesse sentido compreende-se a importância do psicólogo nas demandas sociais. Destacando ainda que essa prática tem um olhar biopsicossocial, ou seja, compreende o sujeito em todas as suas dimensões. Dando

importância ao cuidado com a saúde mental, assim como suas relações em sociedade, desenvolvendo autonomia do sujeito, promovendo a transformação do indivíduo no meio em que vive.

2. *Definições de Representação Social*

Ao definir representação social, Jodelet (1989) fala a respeito da necessidade que temos de estar informados sobre o mundo. As representações surgem para que possamos compreender e solucionar as questões que se apresentam no dia a dia. Esse conhecimento após ser adquirido será compartilhado. As representações sociais funcionam como guias para originar um posicionamento.

A Representação social, segundo Jodelet (1989), tem uma relação de simbolização e interpretação com um objeto. A simbolização refere-se a uma substituição, e a interpretação a atribuição de um significado, surgindo assim as representações.

Alves-Mazzotti (2008) fala ainda que as representações se tornam teorias do senso comum. Essas teorias auxiliam na construção de identidade grupal, assim como o sentimento de pertencimento de um grupo. Mazzotti (2008) aponta que diariamente recebemos uma grande quantidade de informações, o que exige uma compreensão, e para isso acontecer há a aproximação do novo conteúdo com o aquilo que já é conhecido, formando assim as representações.

Ambas definições direcionam para uma característica importante das representações sociais, que seria a de familiarização, ou seja, há uma tendência a tornar o não familiar em algo familiar. Como aponta Maria Alice, em uma pesquisa em 1989.

Moscovici (1981), teórico que deu origem a essa teoria, define representação social como um conjunto de conceitos, explicações e afirmações que se originam na vida diária no curso de comunicações, interindividuais. Refere-se a familiarizar algo não conhecido.

Este trabalho se guiará pelo conceito da Teoria das representações sociais de Serge Moscovici. Cabe destacar que a partir dessa teoria surgiram outros recortes ou abordagens, pode-se citar a Teoria do núcleo central (TNC).

A TNC foi desenvolvida por Jean-Claude Abric, surge em 1976, mas apenas no início da década de 1990 começou a ter mais influência.

O teórico define representação social como “um conjunto organizado e estruturado de informações, crenças, opiniões e atitudes, composta de dois subsistemas (o central e o periférico), que funcionam como uma entidade, onde cada parte tem um papel específico e complementar”.

A TNC teve influência de estudos de psicólogos sociais F. Heider (1970) e S. Asch (1971) e da teoria de Serge Moscovici. A primeira hipótese dessa teoria, surge com um experimento sobre temas de competição e cooperação.

Segundo essa teoria, o núcleo central é determinado pela natureza do objeto e pela relação com o objeto e o sistema de valores e normas que formam o ambiente. Esse núcleo terá duas funções, a geradora, que são os elementos que atribuirão um sentido, um valor. E há a função organizadora, que determinara a natureza que estabiliza a representação.

Sobre o sistema periférico, se organiza entorno do núcleo central, envolve as características de integrar as experiências e suportar as diferenças do grupo.

Sobre a teoria das representações sociais de Moscovici, sabe-se que surgiu na França nos anos de 1960 a partir das pesquisas sobre as formas pelas quais a psicanálise penetrou no pensamento popular francês (MOSCOVICI, 2003). Ao contrário do conceito de representações coletivas de Durkheim, Moscovici propôs que as representações sociais são dinâmicas e sujeitas a variação e a diversidade que caracterizam a sociedade moderna.

A teoria se concentra na ideia de que os sujeitos buscam explicações e teorizam sobre uma série infinita de assuntos e procura explicar como esse fenômeno humano se manifesta a partir de uma perspectiva coletiva, sem, contudo, subtrair ao sujeito sua singularidade.

De acordo com Mazzotti, (2002, p.17) Moscovici entende que sujeito e objeto não são funcionalmente distintos, pois ambos formam um conjunto indissociável. Isso equivale a dizer que determinado “objeto não existe por si mesmo, mas apenas em relação a um sujeito (indivíduo ou grupo); e a relação sujeito – objeto que determina o próprio objeto”. Desta forma quando um objeto cria uma representação de determinado objeto ele, com efeito, a está reconstruindo em seu sistema cognitivo, visando, com isso, adequá-lo aos seus sistemas de valores. (Mazzotti, 2002).

Moscovici (2003) entende as representações sociais como saberes do senso comum construídos nas relações entre as pessoas. No dia – a – dia, as pessoas analisam, conversam e pensam sobre os mais diferentes temas e elaboram representações, que passam a influenciar suas relações e comportamentos sociais.

Ao serem compartilhadas as relações sociais se constituem em uma espécie de “teoria leiga” sobre ideias e objetivos, tonando o que é sentindo como incomum em algo comum e familiar, procedimento este que determinado sujeito faz na tentativa de manter o seu mundo estável e seguro.

Para Moscovici, as representações sociais se estabelecem frente a dois processos: Objetivação e a ancoragem. Eles servem para ajudar a nos familiarizar com o “novo” primeiro inserindo – o no nosso quadro de referência, onde pode ser comparado e interpretado, e depois reproduzindo – o e colocando – o sob controle (Moscovici, 2003).

Após os estudos iniciais de Moscovici, vários pesquisadores desenvolveram importantes contribuições a teoria e, atualmente, a mesma vem sendo, muito utilizada nas áreas de psicologia, educação, saúde coletiva e meio ambiente, dentre outras, para explicar comportamentos humanos em diversos contextos.

O estudo das representações sociais investiga, então como se formam e como funcionam os sistemas de referência que utilizamos para classificar assuntos, pessoas e grupos e para interpretar os acontecimentos da realidade cotidiana. Para isso tais investigações aportam elementos essenciais para a compreensão de comportamentos e práticas sociais. Moscovici mostra que a sociedade é um sistema de pensamento, onde existem dois universos reificado e o universo consensual. No universo reificado circulam ciências e o pensamento erudito, que procuram trabalhar com o máximo possível de objetividade. Já no universo consensual está o senso comum, a comunicação, as práticas de interação cotidiana que colaboram para a existência de representações sociais e que tiveram origem no universo reificado, mas foram apropriadas pelos demais integrantes da sociedade de uma forma particular, através de uma lógica diversa daquela em que se produzem os conhecimentos científicos, portanto, representar algo não é simplesmente repeti-lo, mas sim, reconstruí-lo, modificando – lhe em certo sentido. Sendo assim nem todo conhecimento pode ser considerado representação social, mas somente aquele que faz parte da vida cotidiana das pessoas, que é elaborado socialmente e que trabalha no sentido de interpretar, pensar e agir sobre a realidade. Trata – se por tanto, de um conhecimento prático que se opõe ao pensamento científico, embora dele seja derivado.

Dessa forma representação social constitui um conhecimento específico do senso comum, relacionando a uma forma de pensamento social, produzido e partilhando na relação que as pessoas estabelecem entre si.

3. Atuação do psicólogo

Ainda prevalece no setor público e na sociedade em geral, a visão do psicólogo como um clínico, embora muitas mudanças tenham acontecido no campo da Psicologia (PRAÇA & NOVAES, 2004; SOBRAL & LIMA 2013). Entretanto a atuação complexa e interdisciplinar

do psicólogo, assim como a perspectiva da Psicologia tem sido consolidada como ciência. Os estudos de Bock (1999), Leme, Bussad & Otta (1989), Sobral & Lima (2013), Yamamoto, Câmara, Silva e Dantas (2001), Yamamoto & Costa (2010) colaboraram para entender melhor a atuação do psicólogo em várias situações e espaços e não só na abordagem clínica, mas também em dimensão interdisciplinar (EIDELWEIN, 2007).

Psicólogos são convocados a acolher demandas de ordem: clínica, organizacional e educacional. Essa mediação deve acontecer de forma crítica analisando não só as relações entre sujeitos, mas problemas na organização e no ambiente social (BOTOMÉ, 2010, P.188). No Sistema Único de Assistência Social (SUAS), a prática do psicólogo passa a estar relacionada a conflitos sociais como: pobreza, assistência, garantia de direitos e suporte a situações de âmbitos sociais e peculiares (MACEDO & DIMENSTEIN, 2012; SOBRAL & LIMA, 2013). Essas ações ocorrem em Centros de Referência de Assistência social (CRAS) e Centros de Referência Especial de Assistência social (CREAS).

O psicólogo trabalha em diferentes níveis de atenção à saúde e em equipes multidisciplinar, e enfrenta dificuldades para exercer sua função como profissional em um ambiente que, diversas vezes, prevalece a visão biomédica ao invés da biopsicossocial.

A Declaração de Alma Ata de 1978, é um documento no qual foi expresso a necessidade de ações de todos os governos nos campos de saúde, promovendo saúde de todos os povos do mundo. Com isso a dimensão de saúde pública enquanto dever do Estado motivou profissionais e centros em uma perspectiva de assistência pública à saúde. No Brasil o Sistema Único de Saúde (SUS) universal só foi efetivado após a Constituição de 1988, onde assegurou-se o exercício dos direitos sociais e individuais, o que inclui desenvolvimento, igualdade, justiça, liberdade, bem-estar, segurança.

O papel do psicólogo acontece em vários níveis de atenção, sua ação é dirigida por regulamentações como portarias, e diversas normas como cartilhas, etc. Para o Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2010) falta regimentar a carga de trabalho, proporção psicólogo/pessoa para atendimentos, e dificuldades para executar ações de caráter preventivo e mediação em cenários de equipes isoladas. As experiências de psicólogos que atuam na Defensoria Pública em equipes multidisciplinares, datam do século XXI, nesses locais a atuação se configura como campo público, e se destaca em relação à escuta, a interferência de conflitos e necessidades de direcionamentos para rede, sendo assim não predomina o atendimento terapêutico/clínico.

A formação acadêmica do psicólogo deve responder às exigências de sua prática, mas nem sempre isso ocorre, por isso, faltam informações necessárias que possam contribuir para sua função, ainda prevalece uma visão " subjetivista e individualista" da prática do psicólogo, onde condições históricas, sociais e culturais subjetivas são descartadas

O CFP indica como prioridades o fortalecimento da Assistência Social, a defesa do SUAS como política de Estado e garantidora de direitos, o combate à desigualdade, a erradicação da pobreza e o fortalecimento do modelo de gestão e controle social que estão na Política Nacional de Assistência Social (PNAS). Pontua que o papel do psicólogo se dê por meio de princípios éticos e vise à promoção da qualidade de vida das pessoas e da coletividade, e que entenda o indivíduo enquanto sujeito singular, produto e produtor de relações sociais, que atue de forma interdisciplinar na promoção da cidadania e dos direitos (Conselho Federal de Psicologia, 2011).

Para Gesser (2013) o papel do psicólogo nas políticas públicas de direitos humanos deve: pressupor a extensão subjetiva no trabalho, atravessar padrões normativos e opressores da desigualdade humana, questionar dispositivos e acolher essa desigualdade, ajudar o sujeito a superar o processo de exclusão desenvolvendo seus potenciais, proporcionar ação social na criação de políticas públicas. Enfim a prática do psicólogo deve abranger o sujeito totalmente

no contexto do pensar, sentir e agir, tendo em vista a subjetividade de cada um potencializado as suas ações.

Macedo e Dimenstein (2012) investigam a atuação dos psicólogos na política de Assistência Social, enquanto técnicos no CRAS. Dentre as atividades, encontram-se: ações socioeducativas, desempenho psicossociais, anotações de atividades, elaboração de ações, atividade clínica, atendimento, suporte especializados, conexão intersetorial, junção da rede socioassistencial, cursos profissionalizantes, cadastramento em programas e capacitação de profissionais no PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil).

Para Botarelli (2008), a prática do psicólogo ainda não se encontra estabelecida visto que a atuação profissional no Sistema Único da Assistência Social é uma conquista recente e demanda um instrumento teórico e metodológico, e isto é um desafio em relação à pobreza e à assistência à atuação e novas demandas do contexto social.

Andrade (2009) afirma que a Psicologia sofreu influência do modelo biomédico, desde sua regulamentação, porém o papel do psicólogo não tem sido o foco de um olhar preventivo. Dentre vários elementos que podem interferir na atuação do psicólogo estão as mudanças nas ações e iminência para atuar em circunstâncias de exclusão social e isto tem feito surgir debates acerca do assunto.

Como trabalhador da assistência social o psicólogo tem como finalidade essencial, fortalecer as políticas públicas contribuindo para atuar no contexto subjetivo dos sujeitos e favorecer crescimento da autonomia e da cidadania, buscando entender e intervir sobre demandas e recursos psicossociais.

Psicólogos escolares e educacionais, segundo Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), são profissionais que atuam visando melhorar o contexto ensino-aprendizado num ângulo integral (cognitiva, emocional, social, motor): numa perspectiva individual, grupal, familiar e organizacional.

A atuação do psicólogo escolar esteve restringida à avaliação e ao diagnóstico de crianças em instituições de ensino, isto ocorreu durante várias décadas. Com base no Materialismo Histórico Dialético postulado por Karl Marx, foi instaurado uma ação de análise crítica do papel do psicólogo escolar na década de 80, onde dificuldades de aprendizagem passaram a ser observadas como fenômeno complexo, nesse momento surgia o desafio de superar o olhar técnico-clínica que fundamentava a prática do psicólogo. (Lima, 2005)

As atribuições do psicólogo escolar por muito tempo ficaram anônimas e até confundidas, mas hoje seu papel está mais definido. O psicólogo escolar no exercício da sua função, segundo Witter (1997) e Maluf (1994), é determinado pela influência de variáveis oriundas da sua própria formação e opção teórica, com possibilidades de atuação como Especialista Educacional aplicando conhecimentos psicológicos na escola. O psicólogo escolar pode também desempenhar a função de ergonomista ampliando estudos e entendendo as relações homem-ambiente, físico-material em contexto ensino-aprendizagem e produtividade educacional. Desenvolve como ecólogo programas que visam a qualidade de vida e cuidados importantes as atividades acadêmicas.

Como modificador de comportamento atua na inserção de programas para transformar comportamentos e mal costumes escolares, age também como avaliador, não só avaliando o contexto ensino-aprendizagem, mas também dando suporte para replanejar e reformular o plano escolar, coleta de dados sobre situações escolares para contribuir no desenvolvimento científico, e por isso, pode ser atribuído ao psicólogo a função de Pesquisador.

Por fim cabe ao psicólogo escolar entender dificuldades no sentido de comprovar seu campo de atuação de maneira objetiva, para que seja reconhecido em seu papel específico no âmbito da instituição escolar.

4. O que as pesquisas apontam sobre a representação social do psicólogo?

Em 1989 foi publicada a pesquisa “ Representação social da psicologia e do psicólogo” onde foi realizada entrevistas com 556 estudantes do primeiro período de psicologia de uma Universidade em São Paulo, entre os anos de 1976 a 1984. Os resultados apresentados foram: psicologia era mais conhecida por sua prática clínica; o psicólogo é colocado como alguém mistificado, que conhece tudo, tem poderes para resolver tudo; e, ainda, sobre o conhecimento dos psicólogos as repostas mais repetidas faziam referência a incompetência e elitista.

Outra pesquisa, “ A representação social do psicólogo e de sua prática no espaço público-comunitário” realizada em 2001, entrevistou 38 pessoas entre elas funcionários, técnicos e pacientes que pela primeira vez procuravam o atendimento psicológico, em um posto de saúde da Prefeitura e Florianópolis. Apontou que o psicólogo é um profissional que trabalha com problemas emocionais e que ajuda/orienta e conversa. A pesquisa destaca que embora os principais encaminhadores, os profissionais de saúde, também não conhece o trabalho do psicólogo.

Em 2004, a pesquisa “ A representação social do trabalho do psicólogo” feito com 375 estudantes de cursos da área da saúde, indicou uma visão subjetiva e individualista em que as condições sociais são deletadas. Uma categoria analisada nessa pesquisa mostrou que psicólogo está ligado a área da saúde, citada por 56,9% dos entrevistados. E em uma subcategoria, em 37,9% das respostas sobre a imagem do psicólogo é descrito como algum maluco.

Uma pesquisa publicada em 3 de dezembro de 2018, realizada com nove psicólogas gestoras que atuam como coordenadoras de equipe multidisciplinar, sobre a representação social da psicóloga gestora pública, a pesquisa foi orientada por meio do Alceste, onde se obteve quatro classes, divididas em dois blocos com temas centrais, está pesquisa apresentou como resultado uma representação social de integração entre serviço social e psicologia, na qual a gestora psicóloga precisa lidar, com conflitos dentro da equipe, e precisa cumprir e ao mesmo tempo negociar, as normas com sua equipe.

Outra pesquisa foi publicada em 2014, e foi realizada com onze usuários e/ou acompanhantes que se encontravam na sala de espera da clínica-escola de psicologia do Centro Universitário Franciscano, no município de Santa Maria (RS), entre os dias 1 e 15 de setembro de 2011, sobre a representação social da psicologia e do psicólogo na sala de espera de clínica-escola. A pesquisa foi orientada por instrumentos para coleta de dados, formulada pelos pesquisadores, com questionário de perguntas abertas e fechadas, os dados coletados através do questionário foram categorizados para, posteriormente, serem analisados. Está pesquisa apresentou como resultado que a visão dos usuários tinha um caráter terapêutico da Psicologia e do psicólogo, foi visto dificuldade dos usuários em estabelecer diferenças entre a psicologia e o psicólogo: aos dois atribuiu-se função assistencialista, de ajuda e de entendimento dos problemas de ordem psicológica.

Uma pesquisa que foi publicada em 2013, e realizada com 27 psicólogos que atuam em CRAS, sobre a representação de práticas e como se pratica as representações nos CRAS de Sergipe. O que orientou a pesquisa foi a análise das relações entre representações sociais e práticas sociais, enfocando a atividade profissional do psicólogo em um contexto de atuação específico de inserção recente, os Centros de Referências de Assistência Social (CRAS), foi realizada nos meses de novembro de 2009 a maio de 2010. Os resultados obtidos foram a existência de uma dissociação entre as práticas declaradas pelos profissionais e a percepção das práticas de outros psicólogos.

Em 2012, foi publicada um trabalho realizado com nove alunos do 7º, 8º, e 9º ano, sobre a compreensão da representação social que os alunos de escolas da rede particular de ensino possui sobre o papel do psicólogo escolar, os dados que orientaram as pesquisas foram obtidos através de entrevistas que foram realizadas com os alunos. A pesquisa apresentou como

resultado que os alunos têm uma percepção do psicólogo escolar essencialmente como um profissional que está capacitado a solucionar conflitos.

Uma pesquisa publicada em 2006 falando sobre a “Representação social do psicologia e do psicólogo sob o olhar da comunidade de Assis/SP- Brasil” (Clara S Borsezi) realizada com 271 sujeitos, distribuídos nos diferentes bairros que compõem a Zona urbana do município de Assis/SP, no ano de 2003, sobre a representação social da psicologia e do psicólogo sob o olhar da comunidade de Assis/SP- Brasil. Na qual se investiga a representação social da psicologia e do psicólogo, segundo a população de Assis. Esta pesquisa apresentou alguns dos seguintes resultados: O profissional de psicologia é percebido de forma diversificada, cuja representação mais próxima seria de orientador ou conselheiro, a população também mostra - se pouco esclarecida em relação ao profissional e ao objetivo do estudo da psicologia.

Uma pesquisa publicada em 2011, referente a “Representações sociais de psicologia em estudantes de graduação em psicologia” pela pesquisadora Angela Saccol realizada com 21 estudantes de graduação de psicologia de uma instituição de ensino privado, localizado na região sudoeste do Paraná, sobre as representações sociais de psicologia em estudantes de graduação de psicologia. Na qual se investiga as áreas preferências de atuação do psicólogo após a conclusão do curso. Esta pesquisa apresentou alguns dos seguintes resultados: Os participantes possuem uma representação da psicologia como uma área de atuação relacionada ao bem-estar interior e à orientação das emoções e comportamentos, e que, por sua vez, promove a saúde e, conseqüentemente, a melhoria na qualidade de vida. Quanto à atuação do profissional, dentre as áreas pretendidas, destacaram - se a hospitalar, clínica e jurídica. As áreas de psicologia escolar e organizacional foram apontadas como as de menor interesse. Os dados também sugerem que as estes acadêmicos necessitam de maior esclarecimento acerca das possibilidades de atuação do profissional, pois muitos sabem o que não querem fazer, mas não sabem explicar o motivo ou, ainda têm uma percepção incorreta, como é o caso da área escolar, cujas justificativas giram em torno da “falta de habilidade/afinidade com crianças e adolescentes.”

5. Métodos

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória com 100 usuários do SUS, realizada na Unidade Básica de Saúde da Prata, no município Nova Iguaçu, Rio de Janeiro. Como critério de seleção foi delimitado que os participantes deveriam ser maiores de 18 anos. A pesquisa constitui-se em uma entrevista estruturada. As primeiras perguntas foram referentes a dados sociodemográficos: sexo, idade, religião e escolaridade. Seguido das perguntas relacionadas ao tema da pesquisa: “Você sabe o que um psicólogo faz?” e “Você já teve contato com um psicólogo?”. Após a coleta de dados as respostas foram submetidas ao software Iramuteq, o que gerou uma nuvem de palavras com as mais recorrentes.

6. Resultados

Foram entrevistados 100 (cem) usuários da Unidade Básica de Saúde da Prata, localizado no bairro Prata no município de Nova Iguaçu. Todos os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

Sobre o perfil dos participantes, foram entrevistados 79 mulheres e 21 homens, as idades variaram de 18 a 79 anos. Foi identificado que 48% dos entrevistados estavam na faixa etária de 30 a 59 anos, e a segunda maior amostra com 36% entre 18 a 29 anos.

Referente a religião os resultados encontrados foram 40% evangélicos, 21% católicos, 15% Cristã e 15% não tem. Com menor prevalência encontrou-se as religiões espírita (3%), candomblecista (1%), eclética (1%)

Quanto a escolaridade dos entrevistados, 47% possuíam o Ensino Médio, 36% Ensino Fundamental e 16% Ensino Superior.

A primeira pergunta foi “ Você sabe o que um psicólogo faz?”. Houve uma predominância das palavras: ajuda, problema, conversa e orientação. Ou seja, relacionado a prática do psicólogo são essas as palavras mais recorrentes. Como pode ser observado na análise realizada pelo software Iramutq.

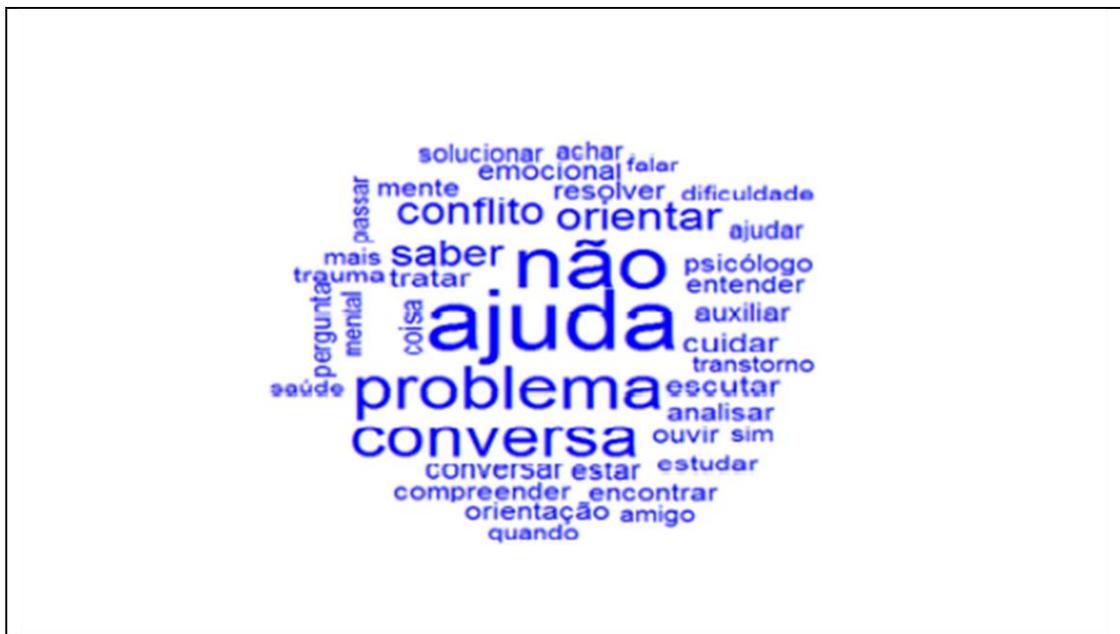


Figura 1. Palavras mais recorrentes nas entrevistas.

A palavra *ajuda*, encontrada 37 vezes nas respostas dos entrevistados. A segunda palavra mais repetida foi *problema*, o que estava relacionado a ajudar as pessoas a resolverem seus problemas, ou ainda, que as pessoas procuram o psicólogo quando estão problemas. A terceira, repetida 22 vezes, é *conversa*. A quarta repetida 13 vezes, foi *orientar* e a quinta *conflito* repetida 12 vezes. A resposta *não* surgiu 18 vezes, no entanto o Iramutq reconheceu 32 repetições na análise de texto dos entrevistados porque contabilizou também as vezes que a palavra “*não*” estava como complemento, por exemplo nas respostas como “ajuda a compreender o que a pessoa não entende”.

Separando as análises por idade, considerado os grupos da seguinte forma, o primeiro de 18 a 29 anos, o segundo de 30 a 59 e o terceiro de 60 a 79. Pode-se observar a prevalência da palavra *ajuda* nos três grupos.

Considerando a escolaridade dos entrevistados, observou-se que os participantes que possuíam ensino fundamental as respostas mais recorrentes foram: “*Não*”, o que se refere a não saber o que um psicólogo faz, e “*conversa*” sendo respondidas por 8 pessoas. A terceira mais respondida neste grupo foi *orientação*. Em relação ao grupo com Ensino Médio, as respostas predominantes foram “*ajuda*”(15), “*conversa*” (13), “*problema*” (13), e “*não*” (11). O mesmo padrão se repetiu nas respostas dos participantes com ensino superior, a palavra predominante foi “*ajuda*”. É importante ressaltar que a palavra *conversa* não apareceu de forma recorrente, sendo citada apenas uma vez neste grupo.

A segunda pergunta foi “ Você já teve contato com um psicólogo? ”. 51% dos entrevistados responderam que não e 49% responderam que sim. 18% tiveram contato através da rede pública de saúde e de assistência, 10% responderam que tiveram contato com psicólogos, porém os mesmos são familiares ou amigos da família.

7. Discussão

Nota-se a grande dificuldade que a população ainda enfrenta para ter acesso a tratamento psicológico pelo Sistema único de saúde, dentre os entrevistados há uma amostra muito pequena entre os usuários que tiveram acesso ao tratamento psicológico apenas 18 entrevistados tiveram acesso, enquanto 82 entrevistados nunca tiveram acesso ou procuraram clínicas particulares, vale ressaltar que houve relatos da população em que procuraram clínicas particulares e não tiveram condições financeiras de custear o tratamento uma vez que não possuíam recursos financeiros e tiveram que abandonar a psicoterapia. O Conselho Federal de Psicologia (CFP) e o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) elaboraram, em 2016, um relatório a respeito da inserção do psicólogo no mercado de trabalho, os dados foram da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) e realizada pelo IBGE. Segundo esse relatório em 2014, 90.000 dos psicólogos ocupados eram da região sudeste. 30.000 eram funcionários públicos. Um outro dado indicado foi que 74,4% atuam nos setores da Educação, Saúde e Serviços Sociais. No entanto foi possível perceber que 82% dos entrevistados não tiveram acesso a um psicólogo, ou seja, os dados presentes no relatório não podem ser ampliados a todas as regiões, em especial a Baixada do Rio de Janeiro. Percebe-se que essa profissão ainda não alcança grande parte da população.

A pesquisa foi realizada em Nova Iguaçu, região da Baixada do Rio de Janeiro. Segundo o IBGE, no censo de 2010, a região contava com 796.257 habitantes. A estimativa para 2019 é de 821.128 habitantes. É o quinto município mais populoso do Rio de Janeiro e o vigésimo primeiro do Brasil. Em relação a população ocupada o índice de 2017 apontou que o município conta com 13,6% dessa categoria. Um dado do IBGE (201) que foi encontrado nos dados dos entrevistados foi a religião predominante foi a religião evangélica (294.099), católica (263.499) e espírita (20.914). As religiões que prevaleceram nas respostas foram as mesmas citadas pelo IBGE.

Para Botarelli (2008), a prática do psicólogo ainda não se encontra estabelecida visto que a atuação profissional no Sistema único da assistência social é uma conquista recente é demanda um instrumento teórico e metodológico, e isto é um desafio em relação a pobreza e a assistência a atuação é novas demandas do contexto social.

Analisando a variável idade, pode-se perceber que as respostas eram similares nos três grupos, onde prevaleceu a palavra ajuda no sentido de relacionar ao auxílio em conflitos, problemas e dificuldades. Ressalta-se que no terceiro grupo, faixa etária de 60 a 79 anos a palavra que prevaleceu foi, orientação. Essas respostas estão de acordo com as atribuições da profissão, visto que o psicológico atua nas questões intra e interpessoais, o que se entende também a problemática familiares e sociais.

De acordo com os dados coletados foi possível perceber que 70% da população entrevistada, responderam de forma coerente sobre a prática do psicólogo. Enquanto 17% responderam que não tinham conhecimento da atuação do profissional de psicologia e 13% responderam vagamente, utilizando apenas uma palavra por exemplo: conversa, pergunta.

Os resultados obtidos confirmaram a hipótese de que a população não tem acesso aos serviços oferecidos pelos profissionais de psicologia pelo Sistema Único de Saúde (SUS), e os mesmos não possuem condições de pagar o tratamento, por conta do alto custo que a especialidade demanda, pois ainda prevalece um olhar da Psicologia como elitizada. O SUS apresenta três princípios fundamentais universalidade, equidade e integralidade. O princípio de integralidade refere-se a compreender o sujeito com um todo, e que os serviços do SUS devem contemplar todas as necessidades a fim de assegurar atuações entre diversos setores que tenha influência na saúde e qualidade de vida dos usuários. Sendo assim pode-se relacionar esse princípio as características da atuação do psicólogo, o psicólogo deve compreender o sujeito de forma biopsicossocial, ou seja, compreendê-lo como um todo. O objetivo da Psicologia está diretamente relacionado a saúde e a qualidade de vida, essas características reforçam a ideia da necessidade da inserção do psicólogo nos aparelhos do SUS.

Muitos não têm conhecimento do que o Psicólogo faz, não tem acesso a informações que possam esclarecer dúvidas relacionadas à esta prática. O fato da população não atribuir conhecimento prévio a atuação do psicólogo está relacionada ao que Moscovici (2003) entende por representações sociais que são saberes do senso comum, estabelecidos nas relações entre pessoas, que por sua vez analisam, conversam e pensam sobre diferentes temáticas e formam representações, que influenciam suas relações e comportamentos na sociedade.

É preciso que seja feito um trabalho de divulgação sobre a importância dessa área e sobre os benefícios que a mesma pode proporcionar a saúde mental dos usuários do Sistema Único de Saúde e para a população como um todo, visando sempre a relação biopsicossocial do sujeito para que o mesmo possa desenvolver autonomia e transformação.

Um ponto importante a se destacar nos dados coletados é justamente o fato das ligadas a prática do estão relacionadas ao ambiente clínico. Apenas 10% citaram outros espaços, sendo eles: Fórum, Sindicato, Trabalho, CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social). A partir desse dado é possível notar que a prática do psicólogo ainda está restrita a área clínica. Nas entrevistas não surgem respostas ligadas a atuação social desse profissional. Segundo o código de ética o psicólogo deve promover a saúde dos indivíduos e das coletividades, assim como contribuir para eliminação de qualquer forma de negligência. Ou seja, a presença do psicólogo tanto nos ambientes de saúde quanto nas redes de assistência torna-se necessária.

Em relação a palavra predominante ser *ajuda* cabe questionar se a interpretação dessa associação pode indicar uma visão relacionada a caridade. A ideia de *ajuda* estaria separada da ideia de um profissional capacitado com formação, com código de ética, diretrizes e técnicas específicas da profissão? As pessoas do senso comum* tem um olhar para o psicólogo de alguém que realiza boas ações com o objetivo de ser caridoso, o que não condiz com a prática do psicólogo. Bock (1999) explicita que a Psicologia se refere a uma ciência, mais especificamente da área de humanas, que tem como o objetivo construir conhecimento e contribuir para a compreensão da totalidade de seu objeto de estudo, o homem. A partir podemos observar que a ideia do que é a Psicologia está relacionada ao fato de ser uma ciência. Pode-se deduzir que o senso comum tem uma visão limitada a respeito da profissão, não a reconhecendo como uma atuação científica. A imagem da população entrevistada apresentou sobre o psicólogo seria de alguém que conversa e ouve desabafos. Nesta percepção, não há compreensão de que todas as práticas dessa profissão possuem um objetivo. Diante dessa análise surge mais um questionamento: O que contribui para a manutenção dessa visão? Destacando que a Psicologia é uma profissão regulamentada desde 27 de agosto de 1962. Pode-se refletir nas possíveis questões: Seria a postura desses profissionais não seguindo os códigos e orientações do CFP (Conselho Federal de Psicologia)? Seria uma deficiência da grade curricular na formação? Ou os psicólogos também percebem sua profissão como um ato de caridade. É preciso refletir essas questões para que a visão apresentada pelos entrevistados não continue sendo reproduzida, fazendo com que a população compreenda e se beneficie da verdadeira prática da Psicologia. Sobre o processo de formação de representação social de Moscovici, pode-se notar que o psicólogo é relacionado a uma figura de questionador sem o completo de objetivo final para essa característica. É possível associar ao conceito de ancoragem e objetivação, no qual essa postura questionadora torna-se uma referência para tornar familiar qual é a prática do psicólogo.

Como análise de observação foi possível notar declarações sobre a necessidade de um psicólogo na Unidade Básica. Cabe ressaltar que essas afirmações surgiam ainda com o viés clínico de tratamento individual, sem citarem a possibilidade de ações para o coletivo. Uma dessas declarações foi da responsável da Unidade, complementando ainda, a necessidade de um psiquiatra na Unidade. É possível inferir a importância de equipes multidisciplinares na Unidade que incluam também os profissionais de saúde mental, psiquiatras e psicólogos. No

posto havia profissionais de ginecologia, pediatria, clínico geral, fisioterapia e serviços de distribuição de medicamento e vacinação.

8. *Considerações Finais*

A população entrevistada ainda não tem acesso ao serviço de psicologia oferecido pelo Sistema Único de Saúde (SUS), da amostra entrevistada apenas uma pequena quantidade de usuários teve acesso ao tratamento psicológico. Os usuários demonstraram ter pouco conhecimento da atuação do psicólogo, assimilando a prática do mesmo a um assistencialismo, voltado ações de caridade e não reconhecida como uma profissão que é respaldada no código de ética, seguindo normas e diretrizes.

Cabe destacar que é preciso ser feito um trabalho de divulgação sobre a importância dessa área, sobre os benefícios que a mesma pode proporcionar para a população e desmistificar essa visão limitada sobre a atuação do profissional, reconhecendo o mesmo como uma profissão e não apenas como uma assistência voltada para a caridade.

Vale à pena ressaltar que a Psicologia é vista como uma área elitizada, pois muitos dos usuários do SUS não tem acesso aos serviços oferecidos por estes profissionais da área de Psicologia, e quando por algum motivo necessitam buscar auxílio, pontuam que o valor das consultas são de custo alto e vão além do que recebem e podem disponibilizar de seu orçamento para o tratamento e acompanhamento psicológico.

Ainda são poucos profissionais, visto que a demanda da população que não pode arcar com os custos é grande, o acesso aos serviços então é prejudicado por conta dessa visão elitizada que se tem dessa área da Psicologia, por isto, a consequência é que a pessoa que necessita de apoio psicológico possa vir à abandonar o tratamento previamente.

Conclui -se que é preciso falar mais dessa área tão necessária à saúde mental da população como um todo, visto que para desenvolver autonomia do sujeito é preciso trabalhar suas relações biopsicossocial, desenvolvendo saúde emocional nos âmbitos intrapessoal e interpessoal, para que se alcance uma saúde psíquica favorável, melhores condições e qualidade de vida.

Referências

BORSEZI, C. S et al. *Representação social da psicologia e do psicólogo sob o olhar da comunidade de Assis/SP – Brasil*. Psicologia para América Latina, n 14, México, Out- 2008.

Saccol, L. A et al. *Representações sociais de psicologia em estudantes de graduação em psicologia*. SynergismusscientificaUTFRP, Pato Branco, 06 (1), 2011.

HEDLER, C. H et al. *A representação social da psicóloga gestora pública*. *Psicol.Soc [online]*, 30, e162543, Dez -2018.

AREND, M.I; MOTTA, R. F. *Representação social da psicologia e do psicólogo na sala de espera de uma clínica-escola*. *Estud. psicol. (Campinas) [online]*, vol.31, n.3, pp.415-423, 2014.

SOBRAL, M. F.C ; LIMA, M. E. O. *Representando as práticas e praticando as representações nos CRAS de Sergipe*. *Psicol. cienc. prof. [online]*, vol.33, n.3, pp.630-645, 2013.

CARVALHO, I.S. C; SOUZA, M. V. M. *A representação social de alunos de escolas da rede particular de ensino acerca do papel do psicólogo escolar*. *Trab. linguist. apl.[online]*, vol.51, n.1, pp.235-244, 2012.

PRAÇA, K. B. D; NOVAES, H. G. V. *A representação social do trabalho do psicólogo. Psicologia ciência e profissão.* 24 (2), 32-47, 2004.

MORE, C, O, O; LEIVA. A, C; TAGILARI. L, V. *A representação social do psicólogo e de sua prática no espaço público-comunitário.* Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, vol.11 no.21, 2001.

LEME. M, A, V, S; BUSSAB. V, S, R; OTTA. E. *A representação social da psicologia e do psicólogo.* Psicol. cienc. prof. vol.9 no.1 Brasília, 1989.

MAZZOTTI. A, J, A. *Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação.* Em Aberto, Brasília MEC-INEP, ano 14, nº 61, p. 60 a 78, jan-marc, 1994.

SPINK. M, J, P. *O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial The Concept of Social Representations in Social Psychology.* Cad. Saúde Públ. Rio de Janeiro, 9 (3): 300-308, jul/sep, 1993.

DIIESE- Conselho Federal de Psicologia. *Levantamento de informações sobre a inserção dos psicólogos no mercado de trabalho brasileiro Relatório Final.* 2016

BOCK. A, M, B; FURTADO. O; TEIXEIRA. M, L, T. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia.* 13a edição 1999.

IBGE. *Censo demográfico 2010.* Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/nova-iguacu/pesquisa/23/25207?tipo=ranking>.

BRASIL. *Lei nº 8080, de 19 de setembro de 1990.* Institui o Sistema Único de Saúde. 19 set. 1990.